

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

### Introdução

Meu novo disco surgiu a partir de uma enorme vontade de aproximar a música do Rio de Janeiro (que me constitui como ser musical), de Cuba, do Caribe e da minha recente paixão: Cabo Verde.

A música e a cultura cubana, tão afins com a nossa, já são alvo da minha admiração há tempos. A percussão forte e presente, a alegria, a síncope, a cana-de-açúcar, o arroz com feijão, a religiosidade, as origens; são inúmeros os pontos que nos unem.

Cabo Verde é uma paixão inusitada que começou em Lisboa, 1992, quando comprei um disco de músicos de países lusófonos chamado Rio Lisbon Red Hot, numa das faixas estava Lura interpretando sua canção “Nhá Vida”. Paixão à primeira ouvida desencadeou um processo compulsivo de compras de coletâneas cabo verdianas.

Logo, os ouvidos conheceram “Falso Testemunho” – um sucesso na época – composição de Toi Vieira, cantado por Maria Alice; definitivamente, marcava como algo novo e inusitado. Com a ajuda de meu mestre Sérgio Benevenuto pude conhecer a música de Boy Ge Mendes alimentando aquele sentimento causado na minha primeira audição de “Nhá Vida”. Os músicos cabo verdianos são incríveis, antropofágicos como nós, conseguem conectar a África Negra à dos Árabes, à Península Ibérica, ao Caribe e ao Brasil, resultando numa música boa para ficar esticado na sombra de uma árvore recebendo uma brisa tropical.

E essa era a minha paixão, não imaginando que isso pudesse se tornar um trabalho, vendo tudo como um hobby. Nesta atmosfera de novos sons, compus Rala Coxa (gravada inicialmente por Paulo Moura – Estação Leopoldina e depois por mim em meu disco solo – No Bangalô da Bandola), que acabou por tornar-se a semente deste projeto.

Quando a Petrobrás divulgou o edital mostrando a intenção de aprovar projetos com composições inéditas e novas formas musicais, decidi me inscrever e foi no último dia e, porque não, no último minuto que isso pôde ocorrer. Quando me vi entre os aprovados comecei a ter que tratar Eu em Cabo Verde seriamente pois eu não via



*Eu em Cabo Verde*

## **Cabo Verde e as Ilhas Mestiças**

possibilidades profissionais concretas nesse meu novo interesse. Começo a juntar material, compor, ler, ouvir, fico animado e angustiado como em qualquer processo criativo.

Um grande amigo que esteve sempre por perto foi o Eduardo Neves, que numa conversa madrugueira recomendou com veemência que partisse para Cabo Verde e vivenciasse a música e a cultura pessoalmente. Acordei no dia seguinte obcecado com a idéia e o resultado foi que em 20 dias já estava em Praia. É preciso mencionar que para que esta viagem ocorresse foi inestimável o apoio de grandes amigos como Janita Salomé e Isabel, Mio Matsuda, Paulinho Lemos, Lucia Nascimento, Tercio Borges e Suzana e Toi Vieira.

Meu primeiro ilustre contato é com Toi Vieira, que em princípio deve ter achado-me bem maluco, sem acreditar no que poderia ser o projeto, a partir da segunda conversa as coisas já começaram a ficar mais claras e ele a ganhar mais confiança em mim... Me ocorre um fato engraçado: Toi me falou para chegar dia 20 de julho na "Praia", respondi: - Certo, mas em que praia? \_ Praia é a capital de Cabo Verde e fica na Ilha de Santiago e lá haveria um mega concerto com a nata da música local, chegaria então um dia depois (dia 21) e lhe perguntei "Ok, chegando lá como vou te encontrar?" e ele respondeu "Não te preocupes, em Praia todos sabem onde esta Toi Vieira"...

### **Diário de Bordo**

Sob a recomendação de Paulinho Lemos e Janita Salomé tentei marcar as gravações com Toi. A minha idéia inicial era de levar umas quatro bases (baixo, bateria, percussão) para Lisboa e lá gravar o piano de Toi e um violão ou uma guitarra que encontraria no caminho. Enviei as bases em MP3 ao Janita para que entregasse a Toi e assim ele pudesse ter acesso ao que iria gravar. Sobre isso uma anedota:

Pergunto ao Janita:

- O Toi lê música ou só cifra?

E ele me responde:

- O Toi lê tudo com o ouvido, o que é excelente, também te digo.

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

- E o Paulinho lê partitura, cifra ou é só de ouvido?

- Quanto ao Paulinho, lê pela mesma pauta do irmão.

Tomei o avião Rio-Lisboa-Praia e em Lisboa encontrei com Janita entreguei-lhe um violão que havia encomendado em Volta Redonda (feito pelo luthier Barros) e recebi a notícia de que viajaria com a banda de Toi Vieira para o mega concerto organizado pelo governo chamado: Quadros da Diáspora Cabo Verdiana. Os astros conspiravam a meu favor!

Durante o tempo em que passamos no aeroporto pude conversar bastante com os músicos e observar que aquela enorme musicalidade era fruto da enorme vocação do país, a despeito da enorme falta de recursos materiais assim como de acesso à conhecimentos formais de música, aprendiam no tapa e no desejo, na vocação e na aflição, quando viam já estavam tocando, trabalhando e muitas vezes já não havia mais tempo para estudar; o violonista Vais me contava que fabricava suas cordas de violão descascando fios de telefone. Todos falavam da importância de Paulinho (irmão de Toi) na formação, quando encontrei com ele perguntei sobre como conseguia tocar tantos instrumentos e ele respondeu: gosto muito de trabalhos manuais, divirto-me, distraio-me com eles, gosto de me distrair sozinho, então vou brincando, brincando, brincando e quando vejo estou a tocar.

A cidade é pequena, porém fica situada na maior, mais populosa e com mais forte presença africana de todas as ilhas do arquipélago. Tomei um taxi para o hotel e me preparei para encontrar com eles para ouvir música. A cidade não é muito iluminada, porém extremamente segura. Vários ritmos como o Batuk – tocado só por mulheres – e a Tabanka são em compassos compostos, que é a subdivisão mais característica africana.

A ilha tem áreas verdes e outras muito áridas e cabe lembrar que foi um entreposto importantíssimo de exportação de escravos para o Brasil, grande parte dos que vieram para cá, lá foram negociados. A ilha era desabitada e com a chegada dos portugueses um processo de povoamento



*Praia em Praia*

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

semelhante com o do Brasil ocorreu, fomos ambos inventados pelos portugueses.

No hotel dei de cara com Lura, o estopim da minha paixão cabo verdiana, ela cantaria no dia 22. Consegui então presentear-lá com meu disco Feito à mão, visto que este contém uma música (Etérea) que fiz em sua homenagem sem nem conhecê-la.

Fomos para o “5 tal da música”, uma casa que apresenta vários artistas por noite, tem as paredes pintadas com cores fortes e oferece jantar. Na culinária deles o feijão é muito presente, misturado em pratos com frutos do mar, cabritos e outras coisas mais. Uma noite quente e agradabilíssima, ouvindo músicas que passeavam entre os estilos, Funana, Batuk, mornas e coladeiras com música brasileira e espanhola e Frank Sinatra, o público, como sempre, divertia-se digerindo a música com muito prazer e respeito. Uma experiência inesquecível!

O bilingüismo caboverdiano é fantástico, todos falam português, sendo a língua oficial, das leis, das escolas e do trânsito, porém entre eles comunicam-se em crioulo, difícil de se compreender globalmente, digo isto por que não conjugam verbos (quase como a língua inglesa) e o que acabava entendendo eram apenas algumas palavras soltas no discurso.

Predominantemente as músicas são compostas em crioulo, que concordando com Lura, possui uma imensa musicalidade.

### 2º Dia

Fui assistir aos ensaios do grande evento e lá pude fazer uma grande aula prática, entendi como montavam as bases, anotei algumas levadas, e pela primeira vez pude observar a forma característica de como os violonistas guitarristas tocam – eles usam uma técnica de dois dedos na mão direita que lembra a da guitarra portuguesa.

A sessão rítmica é mais próxima ao formato brasileiro do que ao cubano, com bases organizadíssimas e espaço para todos trabalharem a música de modo econômico, simples, essencial, para eles – como para nós – o menos é mais.

Neste ensaio pude entregar a Lura um CD



*Público no 5 e Tal da Música*



*Apresentação de Batuk*



*Batuk com dança*



*Ensaio da banda*

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

meu que continha uma música feita a ela, quando sequer a conhecia (a música é *Etérea* do CD *Feito à Mão*).

Em volta do shopping center que fomos almoçar há um mercado popular enorme com todo o tipo de coisas, galinhas vivas, roupas, temperos, produtos chineses, tudo. Acabamos por comer um cabrito com lentilhas que me faz salivar até hoje!

Voltando para o hotel do ensaio, me deparei com um elefante da Guiné de pau de sangue, me apaixonei e é minha lembrança favorita.

Nesta noite aventurei-me sozinho no “5 e tal da música”, assisti diversas apresentações e não me canso de dizer o quanto fiquei impressionado com a quantidade de artistas e de diversidade artística daquele lugar tão pequeno!

### 3º Dia

Acordei e fui visitar a Cidade Velha, lugar do primeiro porto povoado do país. Muitas horas dirigindo sobre uma terra árida até encontrar uma belíssima vista para o mar no Forte, pouco-a-pouco o verde foi surgindo, tímido e desembocou num vale que levava à Cidade Velha. Casas no estilo português a beira mar, organizadas numa pequena vila cujo monumento principal é o Pelourinho.

Logo em frente a ele uma negra lindíssima vestida com panos da costa (que poderia ser uma baiana) vendia esculturas de madeira, espinha de peixe, bastou conversar com ela para saber que seu português não era dali, a simpatíssima moça era da Guiné. Muitos da Guiné e de Senegal passam por Cabo Verde para, como ambulantes, tentar vender seus produtos. O baixo índice de violência urbana e política, a ausência de guerras torna este lugar paradisíaco um grande atrator de turistas da Europa, logo, atraem também muitos moradores de todas as partes da África para a venda de artesanato. Esse convívio, essa multiplicidade de essências de fronteiras tornava aquele ambiente o avesso do que suas aparências provincianas prometiam ao olhar.

### 4º Dia

Era o dia do concerto, fui ao hotel encontrar



*Mercado em Praia*



*Caminho para Cidade Velha*



*Eu e a moça da Guiné*

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

com todos para almoçarmos no mercado popular, Lura veio a mim para perguntar “tu te importas de comer no chão? Lá é muito giro!” Ri e respondi que não, partimos então. Comida baratíssima e variada, peixe, frango, carnes e uma quantidade imensa de arroz com lentilhas.

Tive então a oportunidade de conversar com o saxofonista angolano Nayuto, que além de saber sobre as assombrosas semelhanças entre a culinária baiana e a angolana (que se parecem tanto que alguns pratos só se diferenciam, realmente, pelo nome), contou-me histórias da guerra quando testou sua resistência durante sete anos nas matas tendo que se proteger dos homens e da selva.

Descansei até as 20 horas, de volta no hotel, e então fui ao centro de convenções onde aconteceria o concerto. Chegando lá, uma mesa abarrotada de autoridades com o ministro discursando sobre a diáspora caboverdiana, suas vantagens e desvantagens, mostrando que a pesar da perda com a evasão, a diáspora acabou por criar um mercado mundial para a música e para seus artistas, o resultado disso é a quantidade de artistas em turnês por todo o mundo, sustentados predominantemente pela população emigrante.

Quando percebi a quantas andava o discurso e o palco vazio, tudo ainda meio desmontado, a fome batendo e na minha cabeça só passava que naquele lugar, longe de tudo, não teria outra escolha além de esperar tudo acabar para poder comer alguma coisa. Decidi perguntar a uma moça que passava aonde poderia comer algo e gentilmente ela me disse que eu era convidado do primeiro ministro, logo era só entrar num táxi e em dois minutos estaria no coquetel. Foi o que eu fiz. Comi, bebi e assisti apresentações de Batuk, por lá, cenas muito interessantes, vi mulheres da elite tirando os sapatos para dançar, vi que, como no Brasil, parte da elite local incorpora valoriza e se deleita com a cultura popular. Enquanto assistia à cena, conversei com alguns filhos das mulheres que tocavam, e estes me contaram que – em sua maioria – viviam somente com as mães dada a grande emigração dos homens do país.

Finda a comilança voltamos ao centro de convenções e às onze horas Tcheka abriu



*Venda de galinhas no Mercado Popular*



*Apresentação de Batuk no coquetel*



*Foto do Coquetel*

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

magistralmente o evento, o gênio acompanhado de seu quinteto, me apresentou ao baterista mais sensacional que já havia visto, o angolano NDU, que além de tocar o fino ainda é piloto de avião profissional, o violonista e o baixista também não ficavam para trás e o Tcheka é completo, canta, compõe e toca violão divinamente, além de ter um presença de palco fascinante, fechar os olhos faziamos pensar que muitos músicos estavam no palco e eram só eles dando conta de todo o recado! Enfim, se a viagem tivesse parado por aqui já teria valido muito a pena.

Mas o show continuou e vi Tito Paris com suas lindas mornas cantando acompanhado de um violão e cavaquinho; Lura cantando e dançando como só ela sabe fazer e mostrando com esmero o repertório do seu segundo disco. A banda firme e suingueira acompanhou sob a batuta de Toi vários outros astros como Josinha e Nayuto. A platéia delirava, sempre acompanhando com palmas e cantando as músicas de forma vibrante.

Nessa hora me lembrei muito do Brasil, um povo de tantas cores como o nosso, tão vivo como o nosso, tão mestiço!

### 5º Dia

Do hotel parti para Mindelo, na Ilha de São Vicente (terra de Cezaria Évora) e capital cultural de CV. Pouco antes de sair conversei com o Toi e o Vais sobre as gravações que faríamos em Lisboa para meu disco.

Já era noite quando cheguei a cidade, deixei as coisas no hotel e fui conhecer o que havia. Impossível não me lembrar do Rio, o casario colonial, algumas casas geminadas, uma arquitetura leve e feminina à beira mar, linda a noite com o mar em ferradura, a lua, a iluminação mortíca...

Voltando ao hotel fiquei surpreso com a hospitalidade local, perguntei a um homem (que nunca tinha visto mais gordo) aonde teria música ao vivo, este me pegou pela mão e, três quadras depois, estávamos no Clube Náutico, não, ele não tinha interesse em gorjetas ou em roubar nada, gentileza, pura gentileza.

Sentei e curti mornas e coladeiras com cerveja



*Lura e Josinha no palco*



*Eu em companhia da equipe dos músicos sensacionais que tocaram no concerto.*



*Prédio em Mindelo*



*Praça de Mindelo*

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

e um espetado de peixe. A influência da música brasileira é bem mais forte do que em Praia, inclusive o carnaval é bem semelhante ao nosso dos anos 50, com marchinhas e fantasias. Cezaria Évora canta em uma música que Mindelo é um Brasilinho. Mário Lúcia da Sementeira me contou que as coladeiras nasceram dos sambas dos anos 50 e que ainda lá se cantam as nossas marchinhas que já estão esquecidas.

Tarde da noite voltei para dormir e no dia seguinte iniciar a busca pelos contatos que me haviam indicado.

Numa hospedaria fui tomar café logo cedo e pergunto à um rapaz aonde encontraria o cavaquinista e violonista Baú, mais um episódio de pura gentileza ocorreu, o rapaz, que era uma espécie de boy da pensão, insistiu para levar-me à casa de Baú, pediu para que eu o esperasse e após quase uma hora pegamos um táxi. Fomos parar na casa dos filhos dele que nos deram a nova direção. No caminho perguntei ao taxista qual era o significado de *morabeza*, uma palavra muito falada em crioulo, então ele me explicou que *morabeza* era “bem estar, gozar a vida, boa conversa, nadar no mar” e para resumir disse: “Por exemplo, em Mindelo há muito mais *morabeza* do que em Praia”...

Chegamos lá e Bau acabara de estacionar seu carro (os astros conspirando novamente), nos falamos rapidamente e marcamos um almoço em uma hora. No almoço conversamos muito sobre música, ele possui um grande interesse pela música brasileira, logo fizemos grandes trocas, disse-me que tinha grande admiração por Rafael Rabelo e depois fomos à sua casa e tocamos a tarde toda, mostrou-me seus discos e inclusive sua música escolhida para um filme do Almodóvar. Pura Morabeza!

### 6º Dia

Fui à praia, agora com “p” minúsculo, almocei muito bem, assisti à comemoração do dia 25 de abril (dia da Revolução dos cravos, que coincide com a libertação de todas as colônias portuguesas) e vi que eu conhecia bem mais a música deles do que imaginava, várias reconhecia de ouvido ou me eram familiares. Estavam sendo tocadas por um trio de



*Casario à beira-mar de Mindelo*



*Casario do Centro de Mindelo*



*Praia de Laginha em Mindelo*

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

cavaquinhos, dois violões e uma voz. Dispensa quaisquer comentários...

### 7º Dia

Voltava para Lisboa e pouco antes, passei pela Ilha do Sal, a primeira a se encher de resorts para turistas, a presença de vendedores ambulantes do Senegal era notável, muitos deles, políglotas, recebiam os turistas em inglês, alemão, francês e italiano. Com eles, um artesanato em madeira maravilhoso, que não se encontrara igual em outras ilhas.

Sentei ao lado de um senhor próspero, dono de barcos pesqueiros, no vôo de volta, pudemos conversar bastante sobre as colônias portuguesas, me contou o quanto ficou impressionado quando viajou para a Guiné, pois no Banco Nacional só havia caboverdianos e portugueses trabalhando, ninguém da Guiné, e que isso era uma vergonha para eles, ao mesmo tempo, contou-me que fazia parte de uma série de esforços portugueses para formar uma elite administrativa caboverdiana. Isso me plantou uma pulga, será que os portugueses usaram os mestiços de Cabo Verde como linha auxiliar na política colonial deles na África?! Ao que parece, sim. E como isso é espantoso...

Desembarquei e fui ao encontro do meu velho amigo e compositor Tércio Borges que me aguardava com Suzana, sua mulher.

Moravam ainda no Bairro Alto, aonde eu e Tércio moramos juntos vinte anos atrás com o grupo Camisa Amarela, com muita conversa a se fiar, tomamos um porre madrugada a dentro e no dia seguinte partimos para o estúdio para gravar.

### 8º Dia

Já nos aguardavam Vitorino e Janita Salomé, meus queridos amigos e irmãos cantores, e pouco depois de nós chegara Toi, que ficou “lendo com os ouvidos” as músicas que iríamos gravar. O resultado não poderia ser melhor, Ilhas Mestiças e Sem Vergonha, com um toque sensível, suíngueiro, econômico, um acompanhamento lembrando quase nosso conterrâneo Cristóvão Bastos.



*Tércio Borges*



*Toi ao piano*



*Janita cantando*

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

À Janita e Vitorino pedi um vocal alentejano para uma base de percussão que tinha sido feito por Jaguara e eles improvisaram uma coisa lindíssima, que daria origem à faixa Aresta América a qual abrirei o disco.

### 9º Dia

Logo cedo, o Vais me presenteou com uma guitarra maravilhosa para a música Suave Dengo.

Mais tarde saí para conhecer os dois locais mais importantes de música caboverdiana em Lisboa o B'leza e o Enclave.

O primeiro, B'leza, só começa a partir de uma da manhã, quem lidera é o Toi, a pista ferve, dançam todos agarradinhos, como na nossa gafieira (na verdade, não se pode tirar os pés do chão para dançar, deve-se ser movido apenas pelo movimento do quadril). Um astral fantástico, lembrando um Rio antigo que não vivemos, mas que muitos de nós sabemos (e alimentamos no nosso imaginário) como deveria ser. Foi como uma viagem no tempo.

O outro lugar, o Enclave, com frequência, mas nunca com certeza, toca Paulinho Vieira (irmão de Toi) cuja imprevisibilidade é conhecida como marca pessoal. Sobre isso, ao chegar lá perguntei sobre ele e me disseram que lá estava, mas que se iria tocar não era possível confirmar, pedimos então (eu e Janita) para chamá-lo, pois queríamos vê-lo. Chega ele de jogging com um copo de café-com-leite na mão e conversamos longos tempos sobre música filosoficamente e política.

Perguntei então como aprendera a tocar tantos instrumentos e me respondeu que adorava trabalhos manuais, então ia se distraindo, se distraindo, e quando via, já estava a tocá-los.

Perguntei então – ansioso – se tocava aquela noite e me respondeu que só tocava quando havia música dentro dele e que não sabia quando isso poderia acontecer, mas que se houvesse em algum momento, certamente tocava.

Voltou mais tarde, vestido a caráter, e deu-nos um fantástico show na gaita.

Ao final fomos convidados pelo dono do lugar à irmos ao subsolo onde acontecia um baile mais pesado, guitarra, baixo, bateria e percussão, tudo



*Vais e sua guitarra*



*Cartaz do Enclave*



*Paulinho Vieira*

## Cabo Verde e as Ilhas Mestiças

reunido numa forte presença angolana, dançante, quente e acelerado.

Uma noite, definitivamente, inesquecível e sonora.

### 10º Dia

Fui ao Alentejo, convidado por Janita e Isabel. Tratado como um rei, vi o Alentejo florido, coisa linda, depois nas pequenas estradas fomos tomados por ventos que encheram o carro com o perfume das flores do campo, nem o frasco do mais caro perfume francês poderia igualar-se àquilo.

Almoçamos muito bem em Redondo, depois paramos numa casa grande, tipo fazendas antigas brasileiras, com o mesmo cheiro e temperatura, com os mesmos barulhos, era a casa da mãe de Janita, ali paramos um pouco onde dormi o mais lindo dos sonhos.

Fui acordado para comer de novo, saímos e compramos algumas iguarias para meu pai, visitamos a filha e a netinha de Janita em uma aldeia próxima. Depois fomos à Favas Frescas, Janita e Isabel excitadíssimos, Janita exaltava a toda a culinária leve e saudável de lá. Comi alface picadinho como a nossa couve mineira num molho de água, sal e limão, acompanhado as favas, frescas, molinhas e cozida com ervas, quase numa água meio rala (totalmente diferente da outra fava que é transmontana e que parece a nossa feijoada), tudo bem temperado e ao mesmo tempo bem leve, as carnes estão a parte e serve-se se quiser e quanto quiser, de entrada foram servidos caracóis e carapaus a escabeche.

Foi tudo muito gostoso e terminamos a noite em Extremoz para assistir ao show do Vitorino (que foi ótimo).

### 11º Dia

Chegamos a Lisboa lá pelas três e meia da manhã, depois de uma *porranca* numa feira gigantesca de produtos da região, com vinhos, queijos, salsichas e salames, enfim, tudo de bom que se possa imaginar.

Procuro então pela cidade lojas de discos para comprar breve, pois dia seguinte (1º) tudo estaria



*Paulinho na gaita*



*Alentejo Florido*



*Janita e sua netinha*

## **Cabo Verde e as Ilhas Mestiças**

fechado, e no outro estaria voltando, logo o desespero era grande. Encontrei uma e pedi pelos discos do Tcheka, da Lura e da Maria Alice, logo, o vendedor Luis Ramos simpatizou-se comigo e com minha escolha musical, disse-me que realmente eu estava em contato com o melhor da produção caboverdiana e me ajudou muito a conseguir uma ótima discografia.

Nesta última noite saí para jantar com minha velha e querida amiga Joana Afonso e jantamos no Bairro Alto, local de nosso primeiro encontro há vinte anos, já bastante modificado em seu comércio e público, mas preservado naquela beleza arquitetônica, muito do que para mim é a alma de Lisboa.

Quando voltei ao Rio, pensava em embarcar logo em seguida para Cuba, o que acabou não sendo possível, mas tive a sorte de Cuba vir a mim através da musicalidade excepcional de Julio Padrón. Por coincidência esse cantor e trompetista que já tocou com meio mundo em Cuba (entre eles o grupo Irakere e o Buena Vista Social Club) estava no Rio em turnê e o Eduardo Neves (novamente ele) me liga e recomenda que o procure para gravar. O Julio gravou trompete em duas músicas e um vocal em uma música minha com o Edu que se chama Burrito. Desde o início considerei que seria muito bom contar com a presença do João Donato uma vez que ele foi talvez um dos pioneiros no Brasil a fazer misturas de nossa música com a música cubana.

Com a ajuda da Solange Kafouri (sua empresaria) a gravação se viabilizou, ele, como sempre, arrasou no Piano. O disco contou com um time extraordinário de músicos que contribuiram enormemente para concretizar o projeto. O meu muito obrigado a todos vocês! Vamos esperar juntos este disco sair do forno...